

## VICTOR HUGO, POETA VIDENTE E VISIONÁRIO

Adalberto Luis VICENTE<sup>1</sup>

A obra poética de Victor Hugo constitui um caleidoscópio de todas as necessidades e de todas as tentações da poesia do século XIX: exotismo, virtuosismo rítmico e formal, recuperação de formas poéticas populares, lirismo pessoal, poesia épica, satírica e crítica. Legitimando os ideais poéticos do romantismo, sua poesia está contaminada por um desejo de transcendência que faz do autor de *Les Contemplations* uma das testemunhas visionárias de seu século. Os estudos voltados ao aspecto mítico e metafísico da poesia hugoana sucedem-se no século XX, demonstrando que, para além da poesia pessoal e contingente, existe o “Victor Hugo das profundezas”, que permanece “o grande Hugo”. A ambição metafísica, que faz da poesia um instrumento de conhecimento de uma realidade superior, e do poeta um revelador de mistérios, constitui, do romantismo ao surrealismo, uma das grandes linhas de força da poesia moderna. O poeta alemão Archin von Arnim (1781-1831) já havia ressaltado que a verdade da poesia transcende a verdade histórica e que sua finalidade é o conhecimento da “realidade secreta do universo”:

*Pareils à la jubilation du printemps, les poèmes ne sont nullement une histoire de la terre; ils sont un souvenir de ceux qui se réveillèrent en esprit des rêves qui les avaient amenés ici-bas; un fil conducteur accordé par le saint Amour aux habitants de la terre dont le sommeil est agité. Les oeuvres poétiques ne sont pas vraies de cette vérité que nous attendons de l'histoire, et que nous exigeons de nos semblables, dans nos rapports humains; elle ne seraient pas ce que nous cherchons, ce qui nous cherche, si elles pouvaient appartenir tout entière à la terre. Car toute oeuvre poétique ramène au sein de la communauté éternelle le monde qui, en devenant terrestre, s'en est exilé.*

*Nomons voyants les poètes sacrés; nomons voyance d'une espèce supérieur la création poétique.*  
(apud JOUBERT, 1988, p.20)

---

<sup>1</sup> Departamento de Letras Modernas – Faculdade de Ciências e Letras – UNESP – Universidade Estadual Paulista – 14800-901 – Araraquara – SP

## Adalberto Luis Vicente

Para esses poetas que se fazem portadores do fogo sagrado, a poesia torna-se um meio de conhecimento, um instrumento de expressão de uma realidade supranatural. Se a poesia tem tal função, o poeta assume a posição do mago, do profeta, do vidente, do decifrador de signos, tornando-se assim aquele que tem acesso a uma realidade transcendente, e que, portanto, expande as fronteiras da experiência e do conhecimento humanos. Ou então, sentindo-se exilado no mundo material, o poeta guarda a lembrança de uma realidade superior, que pode ser expressa pela nostalgia da infância, pelo apelo ao universo mítico, pelo retorno ao tempo das origens, pela reintegração com a divindade, pela busca do absoluto, do desconhecido ou do nada. Assim, no romantismo, solidifica-se o mito idealista do poeta, tido por um indivíduo superior, dotado de poderes quase sobrenaturais, por meio dos quais ele vê aquilo que está velado à maioria dos homens. No romantismo francês, Victor Hugo é um dos poetas que encarna de modo excepcional esse mito do poeta vidente e visionário, que, como um novo Prometeu, rouba o conhecimento divino para entregá-lo aos homens. Para Hugo, o poeta

*...doit ravir au ciel austère  
L'éternel feu  
Conquerir son propre mystère  
Et voler Dieu.* (apud RIFFATERRE, 1970, p. 8)

Trata-se, portanto, da conquista do mistério, do desejo de roubar o Verbo divino, a palavra poética que o poeta oferece aos outros homens para que tenham acesso aos mistérios da criação. Tal conquista é fruto de uma visão transcendente e totalizante do universo. Já no prefácio de seu primeiro livro de poesia, *Odes* (1822), Hugo afirma: “[...] *le domaine de la poésie est illimité. Sous le monde réel, il existe un monde idéal, qui se montre resplendissant à l’œil de ceux que les méditations graves ont accoutumés à voir dans les choses plus que les choses*” (apud JOUBERT, 1988, p. 21).

Nessa passagem, Victor Hugo já anuncia o postulado de base de toda a ambição metafísica: a certeza de que um mundo ideal existe, uma espécie de duplo invisível do mundo material. Essa ideia fundamental da realidade dupla é exposta em uma passagem de *Post-scriptum de ma vie*, intitulada “*Les Choses de l’infini*”, na qual o poeta afirma a existência, ao lado da criação material, de uma criação invisível:

*Nous voyons une création, nous en devinons une autre [...]. Par création invisible, nous n’entendons pas cette portion de la création matérielle, prolongement indéfini du monde télescopique et du monde microscopique, qui se dérobe à notre perception par l’éloignement ou par la*

## Victor Hugo, poeta vidente e visionário

*petitese...Par création invisible nos entendons une création mêlée à nous-mêmes qui nous enveloppe et nous touche mystérieusement, inaccessible à nos sens, saisissable seulement à notre esprit; monde inexprimable, vie profonde et inconnue, d'où l'on sort par le berceau et où l'on rentre par la tombe...Toutes les créations, la visible comme l'invisible, sont concentriques à Dieu. (apud RIFFATERRE, 1970, p. 19-20)*

Portanto, a criação invisível não está em um outro plano, separada e isolada da matéria, mas existem simultaneamente, concêntricos, um universo material e um universo sobrenatural. Há, portanto, no objeto, outra coisa além do próprio objeto. É sobre esse postulado de uma realidade dupla que se ergue todo um sistema de expressão poética que Hemine Riffaterre denomina “orfismo” e que ela define como “*toutes les formes que prend en poésie la peinture de la quête gnostique, le thème de la recherche de l'absolu*” (1970, p. 14).

A porta de entrada para esse mundo ideal abre-se, no entanto, apenas para certos indivíduos excepcionais, “acostumados à meditação grave”, como afirma Hugo, seres capazes de ver nas coisas o que está nelas e o que vai além delas. Em outro texto de *Post-Scriptum de ma vie*, Victor Hugo estabelece uma oposição entre o mundo antigo e o moderno a partir da percepção aguda que este último tem do mundo transcendente:

*Dans le vieux monde [...], le sentiment du fini dominait. Tout avait une limite, une frontière, un contour, un alpha et un oméga. Rien ne se perdait dans l'ombre, rien ne s'en allait au-delà, rien ne s'enfonçait...Chez les grecs, tout était homme, même les dieux. Le sentiment de l'infini plane sur le monde moderne. Tout y participe de je ne sais quelle vie immense, tout y plonge dans l'inconnu, dans l'illimité, dans l'indéfini, dans le mystérieux. Ce que nous appelons la vie n'est autre chose qu'une aspiration à l'éternité...Nous sentons en nous ce qui ne meurt pas. Pour nous tout est Dieu. Même l'homme (apud RIFFATERRE, 1970, p. 8, nota 1).*

Assim, para Hugo, há um contraste entre o mundo apolíneo da Grécia, que tendia à clareza e à precisão e que humanizava a divindade, e o mundo moderno, mais sensível ao mistério, no qual o homem é divinizado, pois agora este é guiado pela aspiração à eternidade, buscando, por meio do mergulho no desconhecido e no ilimitado, recuperar os poderes divinos que estão dentro dele, poderes de que o poeta é agora principal o depositário e o grande revelador. Em *Post-scriptum de ma vie* há ainda uma passagem fundamental para a compreensão das diferentes funções que assume o poeta segundo Hugo:

*Comme l'antique Jupiter d'Egine a trois yeux, le poète a un triple regard, l'observation, l'imagination, l'intuition. L'observation s'applique plus spécialement à l'humanité, l'imagination à la nature, l'intuition au surnaturalisme. Par l'observation, le poète est philosophe, et peut-être*

## Adalberto Luis Vicente

*législateur; par l'imagination il est mage, et créateur; par l'intuition, il est prêtre, et peut-être révélateur. Révélateur de faits, il est prophète; révélateur d'idées, il est apôtre...*

*Humanité, Nature, Surnaturalisme. A proprement parler, ces trois ordres de faits sont trois aspects divers du même phénomène. L'humanité dont nous sommes, la nature qui nous enveloppe, le surnaturalisme qui nous enferme en attendant qu'il nous délivre, sont trois sphères concentriques ayant la même âme, Dieu.*

*...le surnaturalisme? C'est la partie de la nature qui échappe à nos organes. (apud RIFFATTERRE, 1970, p. 9-10)*

Essas três características apontadas por Hugo: a observação da humanidade, que faz do poeta um filósofo ou um legislador; a imaginação, que faz do poeta um mago e um criador capaz de ouvir e interpretar as vozes secretas que ecoam na natureza; e a intuição, faculdade primeira de todo poeta metafísico, permitem ao artista apreender a duplicidade do universo, e são reveladoras de que o poeta não vê apenas a realidade transcendente, mas é também capaz de perceber relações analógicas no mundo material e de jogar luz sobre os atos humanos e as relações sociais, apontando, como os profetas de Israel, o caminho presente e futuro para o povo. O vidente é, portanto, também visionário: ao contato com o mundo divino, recebeu a revelação de sua missão profética, foi marcado com o selo do gênio, julga o presente e vê o futuro. O poeta torna-se assim guia da humanidade, embora a humanidade nem sempre esteja disposta a ouvi-lo, ou seja capaz de compreendê-lo. Em um dos poemas mais conhecidos de *Les Rayons et les ombres*, intitulado “*Fonction du poète*”, Victor Hugo sintetiza essa missão ao afirmar:

*Peuples! écoutez le poète!  
Écoutez le rêveur sacré!  
Dans votre nuit, sans lui complète,  
Lui seul a le front éclairé.  
Des temps futurs perçant les ombres,  
Lui seul distingue en leurs flancs sombres  
Le germe qui n'est pas éclos.  
Homme, il est doux comme une femme.  
Dieu parle à voix basse à son âme  
Comme aux forêts et comme aux flots.*

[...]  
*Il rayonne! Il jette sa flamme  
Sur l'éternelle vérité!*

## Victor Hugo, poeta vidente e visionário

*Il la fait resplendir pour l'âme  
D'une merveilleuse clarté.  
Il inonde de sa lumière  
Ville et désert, Louvre et chaumière,  
Et les plaines et les hauteurs;  
À tous d'en haut il la dévoile;  
Car la poésie est l'étoile  
Que mène à Dieu rois et pasteurs!"* (HUGO, 1950, p. 61)

Essa passagem ilustra bem os traços do estilo oratório de Victor Hugo: gosto pelas apóstrofes e frases exclamativas, uso de antíteses, de imagens grandiosas que abarcam grandes espaços no plano terrestre e no plano cósmico. Nesse poema, toda a retórica grandiloqüente de Hugo é convocada para demonstrar a elevada função do poeta. Sendo o portador da luz sagrada da verdade, que joga luz nas trevas em que a humanidade está imersa, o poeta vidente e visionário assume também uma missão moral, pois deve ensinar aos homens a grande lei da solidariedade, do amor e da piedade: “*d’amour pour ceux qui servent, de pitié pour ceux qui souffrent*”, como afirma o poeta no prefácio de *Les Rayons et les ombres* (1950, p.9). Essa missão moral inclui também a denúncia e a condenação da ambição, do egoísmo, da avaréza, temas que o poeta trata com tanta indignação em *Les Châtiments*. À missão moral, vem juntar-se uma missão social: o poeta deve aliviar a miséria de seus semelhantes, deve trabalhar para o progresso social e para a concretização de uma sociedade melhor:

*Le poète en des jours impies,  
Vient préparer des jours meilleurs.* (HUGO, 1950, p.9)

afirma Hugo em “*Fonction du poète*”.

O poeta também não pode deixar de assumir uma missão religiosa, combatendo o materialismo e o ateísmo, pois está convencido de que o sentimento religioso é necessário ao homem para assegurar-lhe a felicidade. No prefácio de *Avant l'exil* (1846), Hugo afirma que “*la civilisation, c'est la religion appliquée*”, e em “*Fonction du poète*” reafirma a necessidade de conduzir o século “*à la foi triomphante*” (1950, p.9). Essa missão religiosa assume também um caráter profético: quando o povo “vegeta e definha”, o poeta tem a função dolorosa e perigosa de despertá-lo, lançando idéias novas, apesar da zombaria e da incredulidade. O poeta é o homem das utopias, pois, como afirma Hugo em outra passagem de “*Fonction du poète*”:

## Adalberto Luis Vicente

*Une utopie est un berceau,  
De ce berceau, quand viendra l'heure,  
Vous verrez sortir, éblouis,  
Une société meilleure.* (1950, p.9)

Assim, em Victor Hugo, o desejo de totalidade, a consciência de uma realidade transcendente, o sentimento de ter sido tocado pela genialidade, a elevada missão que se impõe como poeta constituem o pano de fundo de grande parte de sua produção poética.

A empreitada metafísica exige, no entanto, a busca de formas de expressão, de imagens, de temas que possam exprimir essa realidade que vai além dos sentidos. Rimbaud e Mallarmé serão os poetas que realmente darão ao problema da mimese do transcendente a solução mais ousada e radical, fazendo da linguagem poética não apenas um meio de expressão, mas de criação de uma realidade superior. A solução de Victor Hugo para mimese do transcendente é, no entanto, aquela praticada pela maioria dos poetas românticos. Trata-se ainda, para usar dois termos de Todorov, mais de “representação” do que de “apresentação” (1980, p.122). A sugestão da realidade transcendente dá-se a partir de um “*insight*” que pode estar na contemplação da natureza, na solidão, no isolamento, na observação das montanhas ou dos abismos. Neste ambiente propício, o eu-lírico coloca-se “*au bord de l’infini*”, espaço intermediário entre dois mundos, de onde surgem espectros ou vozes reveladoras do mistério do universo, como ocorre no célebre poema “*Ce que dit la bouche d’ombre*”, que se inicia com os versos seguintes:

*L’homme en songeant descend au gouffre universel.  
J’errais près du dolmen qui domine Rozel  
À l’endroit où le cap se prolonge en presqu’île.  
Le spectre m’attendait; l’être sombre et tranquille  
Me prit par les cheveux dans sa main qui grandit,  
M’emporta sur le haut du rocher, et me dit:*

*Sache que tout connaît sa loi, son but, sa route;  
Que, de l’astre au ciron, l’immensité s’écoute;  
Que tout a conscience en la création;  
Et l’oreille pourrait avoir sa vision,  
Car les choses et l’être ont un grand dialogue.  
Tout parle; l’air qui passé et l’alcyon qui vogue,*

## Victor Hugo, poeta vidente e visionário

*Le brin d'herbe, la fleur, le germe, l'élément.*  
*T'imaginai-tu donc l'univers autrement?"* (1957, p. 342-3)

Nota-se, portanto, que o eu-lírico se coloca em um espaço intermediário, o promontório de Rozel, na Ilha de Jersey, onde Hugo viveu durante o exílio. Entre o céu e o abismo, surge das profundezas um espectro sombrio que arrebatou o poeta até o alto da montanha e cujo discurso lhe revela os mistérios do universo: as correspondências universais entre todos os seres e entre os planos material e espiritual em primeiro lugar, depois os problemas do bem e do mal, do castigo e da expiação, num esforço de entender o sentido último da existência do homem e do mundo. Neste ambiente de transcendência, as imagens, as sensações, as comparações, enfim todo um universo analógico criado pelo poder do verbo poético ganha uma força extraordinária, uma grandiosidade que só a retórica ousada de Victor Hugo poderia criar. “*Ce que dit la bouche d'ombre*” é talvez o poema mais extraordinário de Hugo, pois resume quase todas as suas idéias sobre o enigma do universo. Seus recursos de composição, suas imagens grandiosas e às vezes sombrias, seu tom elevado são um bom exemplo de como se concretizava a mimese do transcendente em Victor Hugo.

Depois de Hugo, no entanto, virão novos ladrões do fogo sagrado, preocupados em forçar a porta do mistério e do infinito, e que sem dúvida, em seu esforço de ver e fazer ver, darão um passo mais ousado na mimese da realidade transcendente do que o deram Victor Hugo e os românticos. Sua preocupação não será mais representar o desconhecido ou absoluto, mas apresentá-lo ao leitor por meio de uma linguagem cuja força criadora é capaz de refazer mundo. A palavra não mais representa a realidade, ela, como o Verbo Divino, a cria.

Se a ambição metafísica é uma das linhas de força da poesia moderna, e se essa ambição instigou nos poetas o desejo de buscar uma forma apropriada de expressão poética, Victor Hugo, pelo entusiasmo e pela grandeza com que acolhe essa missão foi um dos “faróis” dessa linhagem poética. O reconhecimento vem do próprio Rimbaud que, na Carta do Vidente, destaca Victor Hugo entre os poetas românticos ao firmar: “*Hugo, trop cabochard, a bien vu dans les derniers volumes: Les Misérables sont un vrai poème. J'ai Les Châtiments sous la main: Stella donne à peu près la mesure de la vue de Hugo*” (1980, p. 188). Mesmo que o adjetivo “*cabochard*” marque um certo distanciamento irônico, o reconhecimento vindo de um poeta que desejava por abaixo toda a “velharia poética”, dá-nos a dimensão e a importância do veio metafísico na produção poética hugoana.

Adalberto Luis Vicente

## Referências

HUGO, V. **Les voix intérieures-les rayons et les ombres**: extraits. Paris: Librairie Larousse, 1950.

HUGO, V. **Les contemplations**. Paris: Garnier Frères, 1957.

JOUBERT, J.L. **La poésie**. Paris: Armand Colin, 1988.

RIFATERRE, H. **L'Orphisme dans la poésie romantique**. Paris: A.G. Nizet, 1970.

RIMBAUD, A. et al. **Oeuvres poétiques complètes**. Paris: Robert Lafont, 1980.

TODOROV, T. **Os gêneros do discurso**. Tradução de Elisa Kossovitch. São Paulo: Martins Fontes, 1980.

• • •

**Resumo:** Este artigo trata do aspecto metafísico da poesia de Victor Hugo, autor que, no romantismo francês, encarna de modo excepcional o mito do poeta vidente e visionário. Nessa perspectiva, o poeta não apenas tem a missão de fazer ver, por meio da linguagem poética, o universo transcendente; mas também se torna um guia da humanidade, assumindo uma missão moral, social, religiosa e profética.

**Palavras-chave:** Romantismo; poesia francesa; poeta vidente; poeta visionário.

**Abstract:** This article deals with the metaphysical aspect of Victor Hugo's poetry. During the French Romantic Period, Victor Hugo personifies in an extraordinary way the myth of the clairvoyant and visionary poet. In this perspective, the poet not only has the mission to make visible, through poetic language, the transcending universe, but also becomes himself a guide to humanity, assuming a moral, social, religious and prophetic mission.

**Keywords:** Romanticism; French poetry; clairvoyant poet; visionary poet.